



15º Congresso de Iniciação Científica

CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA DO LAZER A PARTIR DOS AUTORES CLÁSSICOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE HUIZINGA RIESMAN E MILLS

Autor(es)

ÉRICA APARECIDA DE OLIVEIRA FERNANDES

Orientador(es)

Nelson Carvalho Marcellino

Apoio Financeiro

PIBIC

1. Introdução

AS CONTRIBUIÇÕES DE HUIZINGA, RIESMAN E MILLS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA POSSÍVEL TEORIA DO LAZER Érica Aparecida de Oliveira Fernandes[1] Nelson Carvalho Marcellino[2]

[1] Orientanda, Graduanda em Educação Física da FACIS –UNIMEP, bolsista do PIBIC-UNIMEP [2] Orientador, Professor dos Cursos de Graduação e Mestrado em Educação Física da FACIS-UNIMEP, Pesquisador do CNPq e Coordenador do Núcleo da Rede CEDES, do Ministério do Esporte, na UNIMEP.

Os termos “teoria” e “prática” são bastante utilizados no senso comum, o que levou a um desgaste quanto ao seu entendimento, inclusive nos meios acadêmicos, principalmente naquelas áreas ligadas à prática de atividades, como é o caso da Educação Física. Em geral, entende-se “teoria”, como uma especulação, ou como “discurso vazio”, desvinculado da realizada vivida no concreto, e “prática”, como uso, experiência desvinculada da “teoria”, o que a transforma, via de regra, em tarefa, ou ação desprovida de sentido. Quando ligadas à Educação Física, a dicotomia teoria e prática revela-se ainda mais intensa, e cercada por mal-entendidos, por uma série de fatores: O primeiro deles é a tendência a se associar a prática da Educação Física à prática de alguma modalidade de atividade física, ou seja, como exercício, uso, experiência, vivência, o que torna a relação com a teoria, extremamente complicada, uma vez que o conceito de prática fica ainda mais restrito. Além disso, há pelo menos mais um fator a ser considerado: o que se chama hoje de “Educação Física” é extremamente abrangente, e talvez por isso mesmo impreciso, incluindo a ampla gama de atividades ligadas ao corpo, físico, movimento, etc. Estão aí incluídos o Esporte, os interesses físico-esportivos no lazer, a atividade física adaptada, e a pedagogia que envolve cada uma dessas áreas, e de uma maneira geral a Educação Motora. Isso e ainda mais agravado, pois todas essas

esferas, e outras aqui não colocadas, possuem dimensões ligadas ao conhecimento das Ciências Físicas, Biológicas e Humanas, em menor ou maior graus. Ao invés de tentar precisar, entender de modo mais específico, procurar a especificidade do que se denomina de Educação Física de modo geral, os esforços acadêmicos da área, têm procurado uma Ciência específica, entendendo que só é possível o estabelecimento de Teoria em torno de uma determinada área, ou problemática, a partir do momento em que ela se constitua numa ciência específica. Se entendermos Teoria como conjunto de conhecimentos, não ingênuos, que apresentam graus diversos de sistematização e credibilidade, e que se propõem explicar, elucidar, interpretar e unificar um dado domínio de problemas que se oferecem à atividade prática; e Prática, como saber provindo da experiência, e ao mesmo tempo aplicação da teoria, poderíamos, ao invés de sua dicotomia, compreender o que SAVIANI (1980) denomina de dialética estabelecida entre ação, reflexão, ação. Dessa forma chegaríamos não a uma dicotomia teoria e prática, mas a um conceito que não lhes esgotasse a extensão, ou seja a uma unidade, que não pode e não deve ser entendida como unificação, no que se chama de “práxis”: Entender-se-ia que não existe atividade sem projeto, ato sem programa (FORACHHI, M.A.e MARTINS, J.S. 1981). Assim, não é necessária a criação de uma Ciência específica para a elaboração de uma Teoria sobre uma determinada problemática, mas essa pode ser estabelecida a partir da contribuição de várias ciências e da reflexão filosófica, ou seja da Filosofia entendida enquanto produto e sobretudo, enquanto processo. É importante destacar, ainda, que a Teoria, exatamente por guardar estreita relação com o agir humano, não é neutra, possuindo não apenas uma dimensão lógica, mas também uma dimensão antropológica (PEREIRA, 1982). Não são puramente objetivas, mas carregam alto grau de historicidade e de subjetividade. Assim sobre um mesmo assunto, uma mesma problemática, existem, e devem existir, teorias divergentes, e até antagônicas, dependendo das concepções que as embasam. Muito mais importante do que a criação de uma Ciência específica, para a superação da dicotomia teoria/prática na Educação Física, seria imprescindível compreender-se sua esfera de atuação, hoje demasiadamente ampla e confusa, em cada uma de suas especificidades. Esse projeto está ligado a um dos campos de atuação profissional da Educação Física, entendida em sentido amplo – O Lazer. Tradicionalmente, o que se denomina de Educação Física, vem trabalhando, ou melhor, prestando serviços, nessa área, exercendo atividade profissional, desde o início do século (BRAMANTE, 1992). A inclusão da disciplina no currículo de Educação Física, no Brasil, dá-se em 1962. E as primeiras pesquisas, na área, começam a serem produzidas, de modo mais efetivo, no âmbito da Educação Física, somente a partir da década de 80 (MARCELLINO, 1992). Portanto existe um descompasso entre a ação, ensino e pesquisa, favorecendo a “prática” sem embasamento. No entanto, existe uma Teoria do Lazer, desconhecida da grande maioria dos profissionais que atua na área, que vem sendo formulada desde a filosofia Clássica, e ganha impulso com a criação e desenvolvimento das Ciências Humanas, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e que tem recebido contribuições constantes da Sociologia, Antropologia, Arquitetura/Urbanismo, Comunicações, etc.

2. Objetivos

O estudo pretende verificar a contribuição das principais obras dos autores clássicos Huizinga, Riesman e Mills, para a construção de uma possível Teoria do Lazer.

3. Desenvolvimento

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. A técnica de pesquisa foi o levantamento de dados associados aos temas-chave:Huizinga, Riesman , Mills, lazer e sociedade, lazer e cultura. A pesquisa foi feita em livros e periódicos nos sistemas de bibliotecas da Unimep e Unicamp, em anais dos últimos eventos de importantes congressos e encontros da área de Educação Física e Lazer e na internet com o auxílio da ferramenta . A técnica de estudo realizada na última etapa do projeto foi à análise textual, análise interpretativa e análise crítica, de acordo com Severino (1993).

4. Resultados

Os três autores dentro do contexto em que viviam durante a construção de suas obras contribuíram para uma teoria do lazer. Huizinga (1971) apresenta o lúdico como elemento da cultura manifestado sobretudo no jogo, apresentando suas principais características, procurando defini-lo, e ainda que o fazendo de modo atemporal, ahistórico e de uma perspectiva idealista, essa é sua mais importante contribuição para uma possível teoria do lazer. A de que o lúdico não se confunde com o lazer, embora ele não deixe isso explícito no seu texto, mas deixa claro que pode ocorrer em diferentes manifestações: no direito, na ciência, na poesia, na guerra, na filosofia, na arte. Para o autor em todas elas podemos encontrar o espírito lúdico. Fala também do lúdico a partir do jogo, do gosto pela competição, pelo risco, pela improvisação, a conciliação com as regras, fatores presentes na vida do homem. Callois (1988) faz um comentário sobre esta obra dizendo que o maior defeito dela é estudar muito mais as estruturas externas do que as estruturas internas, íntimas, a cada comportamento entre o jogo e a competição. Eco (1989) também critica Huizinga colocando o caráter idealista do seu conceito de lúdico, ahistórico, e sua tentativa de encaixá-lo em períodos históricos em que já não era possível, pelas condições socioculturais, observar o lúdico pelo conceito estabelecido a priori. Mills (1969), ao abordar a formação da nova classe média, trata da separação trabalho/lazer, a partir da sociedade onde trabalho-cultura-lazer faziam parte de um todo interligado, e nos fala da relação entre lazer e trabalho, mostrando o trabalho como obrigação alienada e o lazer como forma divertida de gastar o dinheiro adquirido com o trabalho, também alienada. O exagero com o trabalho torna o trabalhador reproduzidor de movimentos e idéias, a necessidade de se ganhar mais cresce e com ela as cargas horárias de trabalho; com tanto trabalho surge a necessidade de lazer, porém o que é oferecido é um lazer massificado, comprado, e por isso não disponível a todos. O capitalismo trás a necessidade da produção e com ele a alienação dos trabalhadores tanto no trabalho como no lazer. É importante o seu conceito de dupla alienação, onde o trabalhador, principalmente do setor terciário, vende não só a sua força de trabalho, mas também a sua personalidade, e isso vale inclusive para o profissional que trabalha com o lazer. Passa-se a pensar em tentativas para criar o entusiasmo pelo trabalho, para conquistar a conformidade à alienação. Nas suas colocações sobre modelo artesanal de trabalho Mills fala da liberdade em se “trabalhar”, ou seja, o trabalhador é livre para começar seu trabalho quando quiser longe das obrigações, além de poder modificar sua obra sempre que quiser se distanciando da alienação, e o trabalho é feito com satisfação. Entretanto adverte que historicamente esse modelo não foi observado em nenhuma sociedade concreta. Para atender as novas mudanças vindas com o capitalismo Mills (1969) fala do surgimento de uma Nova classe média que vem para preencher as demandas de trabalho; essa classe é o intermediário entre o grande capital e o proletariado. Sua obra é voltada a explicar o surgimento e a sobrevivência da nova classe média na sociedade. Já Riesman (1975), a partir de dados demográficos, analisa vários aspectos da vida sociocultural, inclusive o lazer, de três modelos de sociedade: tradicional, de produção e de consumo. Classifica o caráter social predominante das pessoas dentro dessas sociedades, do ponto de vista histórico em tradicionais-dirigidos, introduzidos e alterdirigidos, que exercem papéis que lhes são impostos desde crianças, como de comportamento, atitudes e ideais. Já do ponto de vista psicológico classifica cada um deles em modelos ajustados, anômicos e autônomos, partindo de como as pessoas aceitavam as condições que lhes eram impostas. Na obra original, o autor acreditava no lazer como forma de as pessoas atingirem a autonomia, mas ao observar o caráter mercadológico que o lazer assumiu, sua crença de desfez, e apesar da visão funcionalista do seu trabalho, nos prefácios das edições subsequentes corrigiu essa observação chamada por ele de “fortemente utópica”.

5. Considerações Finais

Conclui-se que os três autores contribuem, dentro do contexto em que viveram e produziram suas obras, para a constituição de uma Teoria sobre o Lazer. HUIZINGA, no seu entendimento do elemento lúdico da cultura, embora a sua análise histórica desse elemento, esteja comprometida pelo caráter idealista da sua conceituação. Nesse sentido, contribuem bastante para a análise as críticas de CALLOIS e ECO. Já MILLS, traz uma análise primorosa das relações Lazer e Trabalho, no momento de ruptura das suas relações, embora sempre enfatizando a sua mútua influência. Nos fala sobre o modelo artesanal do trabalho, e a moral dos alegres robôs, assim como seu conceito de dupla alienação. Seu centro de atenções é o surgimento da nova classe média, ou para ser mais exato, dos trabalhadores prestadores de serviço.

RIESMAN, ainda que com uma visão funcionalista de sociedade contribui, a partir de uma análise baseada na demografia, com os modelos de sociedade tradicional, de produção e de consumo, e com os tipos característicos históricos movidos pela tradição, interdirigidos e alterdirigidos, além dos tipos psicológicos ajustados, anômicos e autônomos, colocando que uma das maneiras de se atingir a autonomia, estava exatamente no lazer. Em prefácios nas edições seguintes o autor corrige essa última afirmação, dado o caráter de mercadoria que o lazer já assumira, naquela época. A pesquisa faz parte de um projeto maior que analisa um grande número de autores clássicos.

Referências Bibliográficas

- BRAMANTE, A.C. Recreação e Lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA W.W. (Org.) **Educação física e Esportes-perspectivas para o século XXI**. Campinas, Papirus, 1992, 161:179
- CAILLOIS, R. **O homem e o sagrado**. Coleção Perspectivas do Homem. Edições 70. Lisboa, 1988, "Jogo e sagrado", pp. 150-161.
- _____. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa, Cotovia, 1990, pp. 31-57.
- ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. 2a.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989- "Huizinga e o jogo", pp. 269 a 285.
- FORACCHI, M. A. e MARTINS, J.S. (Org.) **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. Perspectiva/Ed. da USP, São Paulo, 1971.
- MARCELLINO, N.C. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, W.W. (Org.) **Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI**, Campinas, Papirus, 1992, 181:196.
- MILLS, W. **A nova classe média (White Collar)**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- PEREIRA, O. **O que é teoria**. S.Paulo, Brasiliense, 1982.